

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: Político Indig. Oficial

Data: 1 de Novembro de 1974

Pg.: 147

Reunião confirma acordo entre a Funai e a Igreja

Da Sucursal de
BRASILIA

Pela segunda vez neste ano, o presidente da Fundação Nacional do Índio, general Ismarth de Araujo Oliveira, participará de um encontro com missionários católicos, para debater problemas indígenas. Amanhã, acompanhado do presidente do Conselho Indigenista Missionário, padre José Vicente Cesar, o general estará em Merurú, em Mato Grosso, confirmando o bom relacionamento que vem sendo mantido entre Funai-Missões, no atual governo.

Passado o susto inicial dos missionários com a perspectiva da nova administração da Funai limitar suas atividades junto aos índios — já que houve um veto presidencial no dispositivo do Estatuto do Índio que reconhecia o trabalho das missões religiosas e científicas nas aldeias — missionários e técnicos da Funai têm mantido constantes contatos para a elaboração de programas conjuntos de desenvolvimento das comunidades indígenas.

Da parte da Funai, com exceção de alguns técnicos, como o diretor do Museu do Índio, professor Ney Land, que sempre faz críticas severas às atividades dos missionários, "mais preocupados em salvar almas do que propriamente assistir ao índio", o trabalho das missões é considerado como de fundamental importância pelos técnicos da Funai, especialmente na região norte da Amazônia. Ali, se concentram os grupos indígenas mais representativos, como é o caso do alto Rio Negro, onde a população índia é de 20.000 pessoas. Nessas áreas as Missões dispõem de uma infra-estrutura bem montada, com hospitais, escolas etc. Caso a Funai decidisse assumir sozinho a assistência a esses índios, enfrentaria grandes dificuldades não só de ordem material, mas especialmente pela falta de pessoal qualificado como atendentes,

professores e técnicos indigenistas.

No caso específico da Perimetral Norte, onde existe o maior número de índios do país, em diversos graus de aculturação, a presença da Fundação só se fez sentir a partir da divulgação da abertura da nova rodovia. Daí para cá, a Funai desencadeou um amplo programa de levantamento dos grupos indígenas encontrados na área pois os dados eram obsoletos, como reconheceu o próprio ministro do Interior, Rangel Reis:

A APROXIMAÇÃO

Analisando o relacionamento dos missionários com o governo no que se refere ao problema indígena, afirma o presidente do Cimi, padre José Vicente Cesar, que desde 1910, quando foi criado o Serviço de Proteção ao Índio, "perdurou durante mais de cinquenta anos um clima de desconfiança e de mútuas acusações entre os missionários católicos e os agentes do SPI, hoje transformado em Fundação Nacional do Índio.

Para ele, o grande passo que possibilitou o entrosamento dos missionários com o governo foi dado a partir do encontro de estudos, que reuniu em 1968, em São Paulo, missionários e antropólogos. Nesse encontro ficou definida a necessidade de um maior diálogo com a Funai. Em 1970 o segundo encontro de estudos reafirmou este objetivo e definiu a necessidade de "se preparar o indígena para uma integração harmoniosa na sociedade nacional".

Em 1971, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil publicou o Plano Orgânico da Pastoral da Amazônia, refletindo a nova mentalidade da Igreja sobre catequese. Essa revisão quebrou bastante a resistência que os técnicos indigenistas leigos faziam ao trabalho dos missionários, criticado por se voltar tão somente para a "salvação de almas", não respeitando a cultural tribal. Di-

zia o documento: "urge rever as atitudes dos que trabalham entre indígenas e corrigi-las, no sentido de partir dos valores culturais, religiosos e sociais dos índios para encaminhar um processo de crescimento cultural, evitando sincretismos; encaminhar trabalhos para estruturar a evangelização dos indígenas, baseando-se no axioma de que a mensagem cristã deve encarnar-se na cultura daquele povo, e não deve ser vinculada apenas com a roupagem europeizada".

A partir dessas definições, aliadas à criação do Conselho Indigenista Missionário, a aproximação com o órgão de proteção ao índio só teve que esperar pelo término da gestão Bandeira de Mello, que se irritava com os missionários em decorrência de suas constantes críticas ao problema de invasão de terras indígenas e ineficiência da Funai em seu trabalho.

O novo presidente da Funai, desde o início de sua administração, demonstrou boa vontade para buscar o bom relacionamento com a Igreja. O presidente do Cimi, por sua vez, transformou-se em frequentador assíduo do gabinete do presidente da Funai e tem sido o elo de ligação do general com a ala mais rebelde de missionários que ainda tem restrições à política indigenista do governo.

Na opinião dos observadores, tanto missionários como Funai precisam trabalhar em estreita colaboração, pois se, de um lado, a fundação não pode dispensar a colaboração das missões religiosas que atuam na Amazônia por não dispor de recursos e pessoal especializado para assumir sozinho essa tarefa, de outro os missionários precisam da Funai, pois o Estatuto do Índio deixou bem claro que a ela caberá a responsabilidade de conduzir os programas de assistência ao índio brasileiro.